

Indústria da moda exige atenção

MARCOS BRANDÃO

Flávia Lima

A indústria da moda do Distrito Federal morrerá se o governo não apoiar uma política pública de qualificação de mão-de-obra, combater a pirataria e a informalidade e permitir que confecções de uniformes da cidade tenham condições de fornecer produtos para escolas e órgãos públicos. Quem diz é o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário do Distrito Federal (Sindiveste), Márcio Franca.

Segundo ele, este ano a indústria da moda não cresceu nem 2%. A expectativa que os empresários tinham para 2006 foi frustrada.

— Nossa projeção era boa. Mas fomos surpreendidos pela proibição de uso de camisetas nas campanhas eleitorais e pela derrota do Brasil na Copa do Mundo — afirma.

Na avaliação do presidente do Sindicato, uma outra pedra no caminho do crescimento da indústria da moda está nas feiras espalhadas por Brasília.

— Feiras que eram anuais passaram a ser mensais, depois semanais e por aí vai. A população de Brasília tem uma cultura de ir a feiras e recebe de portas abertas. O movimento do mercado formal passa ao mercado informal — reclama.

Márcio Franca ressalta que não se refere às feiras da Torre e do Núcleo Bandeirante, que possuem um perfil de artesanato. A queixa é contra a Feira da Lua, BSB Mix, Feira dos Importados e Feira dos Goianos.

— Ali são vendidos produtos industrializados, produzidos em série, tipicamente do mercado formal, mas em bancas, que não pagam impostos e de juros que as lojas registradas precisam pagar. É uma concorrência injusta — afirma Franca.

Para cobrar uma atitude do Governo do Distrito Federal, o setor enviará ao governador José Roberto Arruda (PFL) dois projetos de lei, no início do próximo ano. Um deles para combater a pirataria.

— Brasília não pode ser tão permissiva com a informalidade e a pirataria — diz o presidente.

O setor também quer zerar o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para compras de uniformes pelo governo.

— Precisamos aumentar as chances de as confecções da cidade entrarem no mercado e fornecerem peças para escolas e órgãos públicos — justifica.

Se por um lado a indústria da moda enfrenta graves problemas, por outro ela tem sido encarada como um leque de profissões. O mercado de Brasília é exigente. Talvez pelo alto nível de escolaridade da população, acredita o presidente do sindicato. Hoje os profissionais mais procurados são aqueles que criam, mas que também acompanham a criação.

— O estilista não tem apenas de saber desenhar. Mas precisa conhecer tecidos e tecnologia — afirma.



Geraldo, dono de malharia em Taguatinga: concorrência para fornecer uniformes para as escolas do governo é muito grande

“Produção pode ser feita em qualquer lugar e por isso a tendência é tornar Brasília um centro de design

Márcio Franca,
presidente do Sindiveste

